

essa relação frequentemente vista na prática clínica. Objetivo: analisar a relação entre o uso e dosagem de sulfato ferroso e presença de constipação intestinal em crianças aos 12 meses de idade. Métodos: estudo transversal derivado de um ensaio clínico randomizado com lactentes cujas famílias receberam uma intervenção aos 5,5 meses da criança, com instruções sobre alimentação saudável. Aos 12 meses de idade, foi disponibilizado um questionário baseado nos critérios diagnósticos ROMA IV para avaliar os sintomas de constipação infantil e adesão à suplementação profilática de ferro. Os dados descritivos foram apresentados por meio de média +- desvio padrão e número absoluto e percentual, calculados com teste qui-quadrado. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, sob o número 2019-0230. Resultados: a amostra foi composta por 136 crianças. A prevalência de constipação foi de 29,4%. Do total, 98 (72,1%) faziam uso de sulfato ferroso aos 12 meses de idade, com dosagem média de 6 (+-3) gotas, 1 vez ao dia. A média do início da suplementação foi aos 113 (+-82) dias de vida da criança, sendo que a maior parte recebeu a dose durante o momento do banho (28,7%), junto às refeições (25,7%) ou 1 hora antes ou após as mamadas (17,8%). Dentre as crianças que receberam sulfato ferroso, 48 (49%) apresentaram constipação, comparado às 19 (51,4%) crianças que apresentaram o mesmo, sem fazer uso do suplemento ( $p=0,958$ ). Conclusão: neste estudo houve grande prevalência de crianças de 12 meses de idade que apresentaram constipação. Observamos que a presença de constipação foi semelhante nas crianças que receberam sulfato ferroso e nas que não receberam a suplementação. Portanto, não foi observada relação entre a suplementação de ferro e a presença de constipação na amostra estudada.

1967

#### **AVALIAÇÃO DO PERFIL DE VEGANOS E VEGETARIANOS ENTRE ACADÊMICOS DE UNIVERSIDADES EM DISTANCIAMENTO SOCIAL NA REGIÃO SUL DO BRASIL**

CATEGORIA DO TRABALHO: PESQUISA

Suelen Dallanora, Alita Rodrigues Borges, Ana Carolina de Macedo, Andressa Yavorivski, Bruna Caroline Woellner de Arruda, Camila Giroto Alberto, Caroline Altenburg Rozza, Eduarda Christina Assis de Miranda, Mariana Ferreira de Menezes Saucedo, Anelise Levay Murari, Isabel Cristina de Macedo, Martine Elisabeth Kienzle Hagen

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Introdução: A vida acadêmica traz uma maior independência pessoal o que pode contribuir com estabelecimento de novos valores e hábitos, incluindo comportamentos relacionados à alimentação. A adesão a dietas veganas ou vegetarianas vem ganhando gradativamente mais adeptos por diferentes motivações como a preocupação com a saúde ou por posicionamentos ambientais e sociais. Objetivo: Avaliar o perfil de veganos e vegetarianos entre acadêmicos de universidades em distanciamento social na região Sul do Brasil. Métodos: Resultados parciais do projeto de pesquisa CAAE nº 31678920.0.0000.5323, no período de de abril a junho/2021. Foram coletadas, por meio de formulário eletrônico do Google, respostas de 1.247 acadêmicos participantes do estudo, distribuídos em 63 instituições de ensino superior públicas ou privadas da região sul do Brasil. As variáveis qualitativas de frequência foram analisadas pelo teste de Qui-Quadrado e as amostras dependentes pelo Teste t pareado empregando o software SPSS 20.0. Foram avaliados o padrão alimentar considerando entre as opções vegano, vegetariano ou não vegano/não vegetariano e, também, a frequência de consumo de alimentos altamente palatáveis (sobremesas, doces, balas, bolos, refrigerantes, sucos, chocolates, biscoitos, batatas, fritas etc) antes e durante a pandemia. Resultados: Entre os participantes do estudo 1,4% ( $n=18$ ) acadêmicos consideram-se veganos estritos, 10% ( $n=125$ ) consideram-se vegetarianos e 88,5% (1104) consideram-se não veganos/não vegetarianos. Quanto ao consumo de alimentos altamente palatáveis, houve diferença significativa entre o consumo antes da pandemia e durante a pandemia tanto entre veganos ou vegetarianos ( $p<0001$ ,  $df=145$ ), quanto entre não veganos/não vegetarianos ( $p<0001$ ,  $df=1105$ ). Conclusões: Independente do padrão alimentar apresentado pelos participantes do estudo, observou-se que durante o período de distanciamento social houve aumento no consumo de alimentos altamente palatáveis. Sugerimos que a ansiedade e o estresse advindos da situação imposta pela pandemia possam ter provocado o aumento no consumo de alimentos chamados comfort food que causam prazer.